

Safra de laranja cresce com indústria

Nova empresa se instala na região já com o cultivo de 650 mil pés

ANA CLAUDIA BARBOSA
Da Editoria de Cidade

Com uma produção capaz de atender apenas 0,40 por cento da demanda do Distrito Federal e região do Entorno, a produção de laranja no cerrado poderá ganhar novos rumos a partir de 1990. Para isso, um fator importante vem conquistando espaço e desenvolvendo-se rapidamente. É a chegada de uma nova agroindústria que, logo depois de implantada, passará a absorver toda a colheita local disponível no mercado.

Chama-se Citroeste e seu controle acionário pertence ao grupo mineiro Silva Neto. Com um projeto que envolve de imediato o plantio de 650 mil pés de laranja e a construção de uma fábrica de sucos na década de 90, a indústria já se destaca no cenário agrícola local mesmo antes de entrar em funcionamento.

Em duas amplas fazendas, localizadas na divisa com Goiás, o grupo investe todos os seus recursos num projeto de plantio que teve sua fase inicial em 1973 e vem sendo aprimorado a cada ano.

Mas o que não falta em torno do assunto é polêmica. Uns apostam no seu sucesso e afirmam que ajudará o desenvolvimento da região. Outros preferem não discutir o tema, mas com alguma insistência dizem que estão esperando apenas o fracasso da idéia.

O fato é que o azar já passou pela Citroeste, quando em 1980 o pomar foi atacado pelo besouro *Naopacus Belus*, que condenou mais de 100 mil pés em desenvolvimento. Foram precisos alguns anos de readaptação, mas o problema foi solucionado e hoje somam-se numa das fazendas, visitadas pelo **CORREIO**

BRAZILIENSE 110 mil novos pés da fruta.

Um dos diretores da Citroeste, Nuri Andraus — também presidente da Associação Comercial do Distrito Federal — está otimista e garante o sucesso da idéia. Segundo ele, o cerrado é ótimo para o desenvolvimento da laranja. O clima do DF também favorece. “A falta de chuvas constantes e baixa umidade afastam o maior terror da laranja que é o cancro citrico, comum na região Sul”, justifica.

Andraus, também produtor de laranja em sua própria fazenda, define o crescimento do pomar como “a formação de uma família”. Ao percorrer a grande extensão da fazenda, praticamente toda cultivada, ele se sente realizado e não esconde a paixão que nutre pela agricultura.

Pelas características da região, Nuri Andraus acredita que acontecerá com a laranja o mesmo que ocorreu com a soja. “No instante que se removeu a dificuldade tecnológica o cultivo explodiu”, lembra.

PROJETO

É essa explosão com a laranja está começando com a Citroeste, que cultiva atualmente 110 mil pés da fruta e milhares de mudas formadas no próprio local. Na fazenda localizada a 60 quilômetros do Plano Piloto, e que possui o privilégio de ter em suas terras a nascente do Itiquira, cerca de 100 pessoas trabalham na colheita e no plantio, sendo um terço desse total formado de mulheres e crianças.

Além de oferecer trabalho, a Citroeste apoia diretamente a expansão do plantio de laranja no Distrito Federal, eminentemente importador do produto. “Colocamos por ano na mão de pequenos produtores cerca de 20 a 30 mil mudas”, explica Nuri Andraus.

O projeto inicial de montagem da fábrica de sucos previa 1 milhão e meio de pés de limão. Mas como o sabor não tem boa saída no mercado, consumidor mudou-se para laranja e reduziu-se para 650 pés. Em 1976 partiu-se, então, para o primeiro plantio experimental, com 21 mil árvores. A etapa seguinte foi comprar 140 mil mudas em São Paulo.

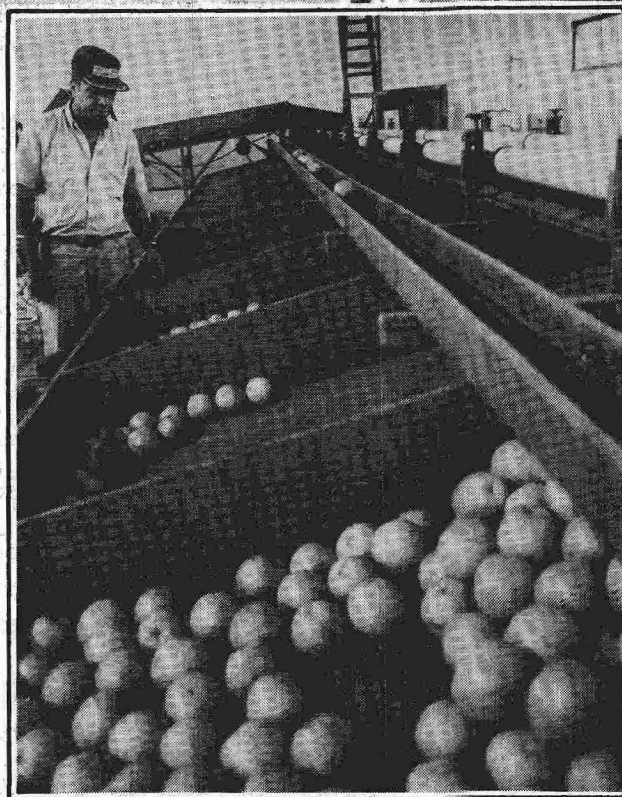
Em 1980, no entanto, uma doença mutilou quase a totalidade do pomar e novos plantios foram suspensos. Por três anos a Citroeste utilizou o terreno para cultivar soja e em 1983 retornaram às laranjas, mas apenas com testes experimentais.

“Essa situação aumentou muito os custos da produção, mas favoreceu-nos a encontrar um lucro futuro muito maior que na forma antiga. Passamos a colher, com dois anos de cultivo, duas caixas por pé”, conta Nuri Andraus.

Este ano a pretensão é plantar mais 50 mil pés para que a partir de 1990 seja possível começar a pensar na montagem da indústria. Enquanto isso não acontece a Citroeste continua vendendo suas laranjas a supermercados e feiras da cidade e reunindo produtores interessados em participar do projeto cultivando a fruta. Para isso a empresa dispõe de agrônomos que farão o acompanhamento técnico necessário.

Dispondo disso e do dinheiro inicial para o plantio, que só começará a proporcionar algum retorno a partir do segundo ano, o produtor poderá desenvolver-se sozinho em pouco tempo. Mas o melhor do plantio, conforme Nuri Andraus, fica mesmo para o quarto ano de formação do pomar, quando cada árvore produz de duas a três caixas. “A partir daí é uma máquina de fazer dinheiro”, conclui.

Fotos: BETH MUNHOZ



Nuri Andraus, um dos diretores da nova empresa que chega ao DF para implantar a industrialização na agricultura, acha que o projeto vai dar certo e que a região será muito beneficiada, pois haverá maior oferta de emprego. Atualmente a empresa já cultiva 110 mil pés de laranja, além de formar milhares de mudas para fornecer a pequenos produtores